



Domingos Monteiro Pereira Júnior nasceu em Barqueiros, a 6 de Novembro de 1903, e faleceu em 17 de Agosto de 1980, com setenta e sete anos de idade. Era filho de Domingos Monteiro Pereira, lavrador abastado, e de sua Mulher, D. Elvira da Assunção Coelho Monteiro, ambos naturais da mesma freguesia de Barqueiros.

Encontramos o futuro escritor em Vila Real, entre 1918 e 1920, como aluno interno do Liceu Central de Camilo Castelo Branco. Aqui passou pois aproximadamente dois anos, deixando-nos referências à Vila Real que conheceu num romance de pendor autobiográfico intitulado *O Caminho para Lá*. Durante essa estadia, publica também ocasionalmente poemas em *O Dilúculo*, um jornal local de jovens, dirigido por Joaquim Rodrigues Grande, que se publicou entre 1 de Dezembro de 1918 e o primeiro trimestre de 1921.

Em 1927 conclui a licenciatura em Direito pela Universidade de Lisboa, com a elevada classificação de 18 valores.

Em 1938 casa em primeiras núpcias com D. Maria Palmira de Aguiar Queimado, de quem se viria a divorciar em 1946. Do casamento nasceu a sua única filha, Dona Estela Monteiro (Galvão Teles pelo casamento), professora da Faculdade de Medicina de Lisboa. Em 1971 contrairia segundo matrimónio, com D. Ana Maria de Castro e Mello Trovisqueira, que viria a ser uma preciosa auxiliar na edição dos seus livros, nomeadamente na última fase da existência do escritor.



Domingos Monteiro exerceu a advocacia, tendo no início da sua carreira sido advogado de defesa de diversos opositores do regime político então vigente. A sua fé democrática levou-o também a fundar, ainda muito jovem, o Partido da Renovação Democrática, bem como, mais tarde, o Diário Liberal.

Mas a vocação literária acabou por se sobrepor à actividade forense e política, e foi como escritor que ganhou projecção e reconhecimento. Exerceu também algumas actividades afins, como as de jornalista, crítico, editor (Sociedade de Expansão Cultural, que teve uma acção notável na divulgação dos autores portugueses) e ainda responsável pelo Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian.

Essa vocação literária tinha-se aliás manifestado muito cedo. Em 1920, em Lisboa, terminado o ensino liceal em Vila Real, publicou com dezasseis anos apenas, em edição de autor, o primeiro livro de versos, Orações do Crepúsculo. Este livro foi elogiosamente prefaciado por Teixeira de Pascoaes, o grande poeta do Marão, a quem Domingos Monteiro dedica o segundo livro, também de versos, Nau Errante, de 1921. Voltaria, três décadas volvidas, à poesia, com Evasão, de 1953, e, em 1978 publicaria o seu último livro de versos, Sonetos.

Domingos Monteiro faz também algumas incursões no domínio da história (de que se destaca uma História da Civilização em três volumes), do ensaio, da crítica e do teatro. Mas foi sobretudo como ficcionista que alcançou renome. E, dentro da ficção, a sua forma preferida de criação é a novela, género intermédio entre o conto e o romance, em matéria de complexidade de enredo e extensão. Escritor realista, a que todavia não é estranho o fantástico, muito influenciado pelo naturalismo francês e russo, publicou mais de uma quinzena de títulos, de que se destacam, entre outros, O Mal e o Bem, Histórias Castelhanas, Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária, O Primeiro Crime de Simão Bolandas, Histórias do Mês de Outubro e Leticia e o Lobo Júpiter.

Contrariamente ao que a sua inclusão neste ciclo pode sugerir, Domingos Monteiro não é propriamente um “contista da ruralidade trasmontana e alto-duriense”. Nasceu no Alto Douro, é certo, mas a sua vida na capital desde a



juventude acabou por lhe desviar o espírito da realidade natal e, dando-lhe uma perspectiva cosmopolita da literatura, a fixá-lo nos dramas universais do homem urbano, com relativamente poucas concessões à temática rural. E mesmo quando toma a realidade rural duriense para matéria da sua ficção, é geralmente numa perspectiva, não de homem nativo, mas de homem da cidade a quem acontece por vezes estar na província.

Domingos Monteiro obteve diversas consagrações em vida. Para além da sua eleição em 1964 para sócio correspondente, e mais tarde (1969) sócio efectivo, da Academia das Ciências e, em 1979, para sócio da Academia Brasileira de Letras, algumas obras suas foram premiadas com importantes galardões literários nacionais, nomeadamente o Prémio Nacional de Novelística, que recebeu por duas vezes (em 1965 com *O Primeiro Crime de Simão Bolandas* e em 1972 com *Letícia e o Lobo Júpiter*), e o Prémio Diário de Notícias, em 1967, com *Histórias do Mês de Outubro*. É um dos escritores portugueses contemporâneos mais traduzidos: há traduções de obras suas em castelhano, catalão, inglês, alemão, polaco e russo. Está presente em inúmeras antologias, portuguesas e estrangeiras. A sua obra completa começou a publicar--se em 2000, na Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

* * *

Domingos Monteiro, à semelhança de seus irmãos Mário e Lídia, terá tido contactos com Vila Real desde muito novo. Seu pai, que fizera fortuna no Brasil, adquiriu nos princípios do séc. XX a Quinta das Quintãs, em Barqueiros, e dispunha de um armazém em Vila Nova de Gaia, já que além de lavrador era também exportador de vinhos generosos. Foi provedor da Santa Casa da Misericórdia de Mesão Frio e animador de outros projectos colectivos, ao mesmo tempo que era chefe político local do Partido Republicano Português. Todas estas actividades exigiam constantes deslocações à capital do distrito, que normalmente fazia na companhia da mulher e dos filhos.

Além de Domingos, tinha, como vimos, um filho de nome Mário Monteiro Pereira, nascido no Brasil, que viria a ser médico e fez em 1918 o exame da 3^a classe, como aluno externo no Liceu Camilo Castelo Branco, em Vila Real, escola que depois frequentou como aluno interno durante os últimos quatro anos, tendo como encarregado de educação Domingos José de Carvalho





Araújo, e vindo a terminar o Curso Complementar de Ciências com a classificação de 15 valores. Já no exercício da profissão de médico, em Lisboa, reunia no seu consultório um grupo de escritores, jornalistas e artistas. Dado às letras, escreveu artigos em diversos órgãos da imprensa e publicou em livro aproximadamente doze títulos, uma parte deles dedicada ao estudo dos escolares, matéria que certamente praticou como médico do Colégio Moderno. É também autor de uma História da Medicina Contemporânea em dois volumes, saída em 1952, e de uma biografia intitulada O Médico Português Francisco Sanches e a Sua Época, publicada no ano seguinte.

Já a irmã, Lídia Monteiro, mais tarde casada com o capitão e escritor João Pina de Moraes, tinha apetência pelas artes. Sabemos que, como outras pessoas da família, concorreu à Secção de Lavoros Femininos da Exposição Industrial realizada em Vila Real no âmbito do I Congresso Trasmontano, em 1920, tendo obtido o Diploma da Medalha de Ouro com trabalhos de pintura a óleo.

Temos conhecimento pela imprensa local, com destaque para A Democracia, órgão do Partido Democrático, que os filhos acompanhavam com frequência os pais, ao Porto, ao Vidago (para a estação de águas) e a Vila Real. Para esta vila, Domingos e Mário vieram com vista a frequentar o Liceu, primeiro como alunos externos, em Maio de 1918.

Domingos Monteiro reserva para si o papel de Renato (ou Natinho ou ainda Guedelhas) no romance autobiográfico O Caminho para Lá (Editorial Ibérica, Porto, 1947), que descreve muito da sua vivência escolar em Vila Real, que o deve ter marcado e complementou a vivência duriense que jamais esqueceu.

Sabemos que brevemente vai ser publicada uma obra ainda inédita, integrada nas suas obras completas em publicação na Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Trata-se de um original de ficção, de cariz autobiográfico, entregue pela sua filha Doutora Estela Monteiro Galvão Teles, que poderá trazer novas achegas para o conhecimento da sua passagem por Vila Real. Mas, em O Caminho para Lá, o escritor revela já muitas das suas vivências vila-realenses: a decisão de vir estudar para Vila Real; a partida do batalhão do RI 13 para a Grande Guerra em 21 de Abril de 1917; uma descrição do passeio de trás do cemitério, que aliás lhe serviu de cenário para o encontro com a primeira namorada; a passagem do comboio em Tourinhas; o convívio com os colegas do Liceu, que o alcunharam de Guedelhas, onde se revelou um rapaz



destemido; a doceira que vendia bolos («doces cobertos com açúcar corado») à porta do Liceu e que, por metade do preço, permitia que os clientes apenas lambessem os doces; a sua primeira experiência sexual, que aliás lhe causou repugnância, com uma mulher que «por um tostão exhibia aos estudantes as intimidades do seu corpo» (situação também descrita pelo Coronel Chico Costa num conto inédito); os efeitos da Traulitânia e da pneumónica; as amizades que lhe foram proporcionadas pelo meio; o sucesso da sua vida escolar em Vila Real.

Domingos Monteiro veio fazer a Vila Real, como aluno externo, em 1916, a 3^a Classe, em que obteve 17 valores, o que lhe valeu a classificação de aluno distinto. Como se disse, dois anos depois, em 1918, regressa a Vila Real e complementa o ensino particular que os pais lhe haviam proporcionado com lições de Manuel Júlio Mendes, professor de ensino livre inscrito no Liceu Camilo Castelo Branco, onde faz exame em 23 de Julho, obtendo a classificação de 14 valores. Frequentou no mesmo Liceu o Curso Complementar de Ciências com Inglês como aluno interno, nos anos lectivos de 1918/19 e 1919/20, vivendo na Avenida Municipal (rebaptizada, a partir de 1919, como Av. Carvalho Araújo). Esta vivência de dois anos foi apenas interrompida para férias e pelo surto de pneumónica que obrigou ao encerramento temporário do Liceu. Fez exame de 7^a Classe no dia 6 de Julho de 1920, obtendo 13 valores. Frequentavam também a turma a que pertencia, entre outros, o futuro Dr. Domingos Campos e Armando Augusto Ribeiro, o Armandinho da Tojeira.

Seguiu depois para Lisboa, onde frequentou inicialmente Engenharia, mudando depois para Direito.

Não devemos esquecer que em Vila Real Domingos Monteiro deve ter escrito várias das poesias que constituem o seu livro de estreia, Orações do Crepúsculo, publicado quando já frequentava a Universidade, mas escrito quando ainda vivia em Vila Real. Certa é a sua colaboração no jornal O Dilúculo, onde publicou pelo menos os seguintes poemas: «Improviso» (n^o 5, de 15 de Março de 1919); «Lirio» (n^o 11, de 15 de Junho de 1919); e «Duvida» (n^o 23, de 10 de Dezembro de 1919).

